

# D. Mora em plenário vibra com o discurso do marido

Brasília — Gilberto Alves



Dona Mora exultou: "Valeu"

BRASÍLIA — Na última fileira do plenário, poltrona e aplausos discretos, D. Mora Guimarães não perdeu um lance do discurso do marido, deputado Ulysses Guimarães. Olhos molhados de emoção e sorriso de quem vibra com o sucesso do marido aplaudiu 12 vezes, algumas delas de pé, em 12 minutos de discurso, ela não escondeu a satisfação. "Como diz meu neto, valeu", comemorou ao lado da deputada Rita Camata (PMDB-ES). D. Mora não conhecia o texto do discurso, que Ulysses redigira quatro horas antes e enviara à Câmara para ser datilografado. "Foi formidável; não esperava tanta receptividade", avaliou. Há quatro meses sem praticamente sair de casa, desde que sofreu uma fratura de fêmur, ela obteve logo o apoio do

marido quando manifestou o desejo de ouvi-lo ao vivo. "Vamos. Eu te arrumo um lugar no plenário", disse-lhe Ulysses pouco antes do almoço. Mas D. Mora deixou o plenário por volta das 17h, levando para casa uma aflição: "Estou ansiosa para saber se vai ou não haver votação.

# Parlamentares acham que governo tentou desviar a atenção

BRASÍLIA — Passado o impacto inicial do pronunciamento do presidente José Sarney, com críticas ao projeto da nova Constituição, a avaliação dos parlamentares — vários deles ligados ao Palácio do Planalto — era de que o governo tentou desviar a atenção da sociedade, voltada para a crise econômica, responsabilizando a Constituinte por futuros fracassos de sua administração.

"Está na cara. O presidente Sarney, em meio a uma das mais graves crises de seu governo, tentou virar o foco para a Assembléia Nacional Constituinte. Ora, a Constituinte só terá qualquer responsabilidade pela distribuição do bolo da arrecadação ou pelos benefícios sociais que prevê dentro de um ano", disse o senador Fernando Henrique Cardoso (PSMDB-SP). "A Constituinte não deixará o país ingovernável, como disse o presidente. O país já está ingovernado e isso ele esqueceu de falar", afirmou o senador Mário Covas (PSDB-SP).

Para o deputado Inocêncio Oliveira (PE), vice-líder do PFL na Câmara e ligado ao Planalto, o presidente Sarney quis mostrar que não vai ser responsabilizado sozinho perante a história. "A Constituinte também tem culpa", disse. Outro parlamentar que apóia o governo, o deputado Oscar Correa (PFL-MG), acha que o pronunciamento veio tarde. "O presidente Sarney poderia ter feito manifestações com o mesmo teor durante todo o processo de elaboração da nova Carta. Mas sua reação veio tarde demais". Oscar Correa votou favoravelmente ao texto constitucional.

**Alerta militar** — Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), também ligado ao presidente Sarney, tem uma explicação para o pronunciamento tardio: "A discussão do mandato paralisou o governo. Só agora ele começa a se livrar dos efeitos de uma espécie de injeção de curare (veneno paralisante)". O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, afirmou que o discurso de Sarney deverá ter efeito a longo prazo. O deputado Paes Landim (PFL-PI), um dos mais ativos governistas, só viu um sentido na mensagem do presidente: "É o alerta, dos militares".

Já o 1º secretário do Senado, Jutahy Magalhães (PMDB-BA), disse que o pronunciamento de Sarney faz parte de uma estratégia conhecida: "Quando ele tem que explicar uma inflação de 1,33% ao dia, com perspectivas de aumento, abandona a atitude defensiva e parte para a ofensiva. Procura abstrair a opinião pública para os descabros de seu governo e aposta num possível confronto com a Constituinte, com resultados imprevisíveis e indesejáveis."

O senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), acha que Sarney fez uma advertência à Constituinte. "Parte dos dados é verdadeira e incontestável; outra, é de aspecto duvidoso; e uma terceira é absolutamente falsa. Incluo nesta última a afirmativa de que a concessão da aposentadoria com base nos 36 últimos meses de contribuição vai falir o país. Isso precisa ser feito para que o valor da aposentadoria acompanhe a inflação".

A bancada do PMDB no Senado decidiu votar pela aprovação do projeto de Constituição numa reação ao discurso do presidente José Sarney. Só três senadores defenderam o presidente: Saldanha Derzi, líder do governo no Senado, João Calmon (PMDB-ES) e Leopoldo Peres (PMDB-AM). "Eu acho que isso não é necessário. O presidente não teve a intenção de afrontar a Constituinte" — disse Derzi. Compareceram à reunião 25 senadores e o tom foi de crítica. O senador Almir Gabriel disse que o discurso de Sarney dava à população "a idéia de que os constituintes são irresponsáveis". O senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA) disse que o governo devia ter marcado presença no primeiro turno.

## Alfinetada vem em verso de Camões

**A**o citar o personagem de *Os Lusíadas de Camões*, o Velho do Restelo, que condenava, segundo alguns intérpretes da literatura portuguesa, a era dos descobrimentos — mais precisamente a descoberta do caminho marítimo para as Índias —, Ulysses quis demonstrar que o presidente José Sarney, ao temer os avanços sociais previstos no projeto da nova Constituição, interpreta, nos dias atuais, um papel antiépico.

O presidente da Constituinte, em sua resposta ao presidente da República, disse, a certa altura, inspirando-se em Camões: "Não ouvimos o establishment, encarnado no Velho do Restelo, conclamando, na praia alvorçada da partida, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Camões para permanecerem em casa, saboreando bacalhau e o caldo verde, ao invés da aventura das Índias, do Brasil e de *Os Lusíadas*".

Camões retrata o personagem citado por Ulysses — um amante da literatura portuguesa, que ao discursar como antecandidato à Presidência da República, em 1974, inspirou-se em Fernando Pessoa para garantir que "Navegar é preciso" — no Canto IV, Estrofe 94, de *Os Lusíadas*: Mas um

velho de aspecto venerando/Que ficava nas praias entre a gente/Postos em nós os olhos/Meneando três vezes a cabeça/Descontente/A voz pesada um pouco alevantando/Que nós nno mar ouvimos claramente/Cum saber só de experiências feito/Tais palavras tirou do experto peito.

**O velho** — No *Dicionário de Literatura — Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura Galega e Estilística Literária* —, a passagem do Velho do Restelo é assim contada:

"Quando n'Os Lusíadas a multidão junta na chamada praia do Restelo, perto de Belém (Lisboa), se despede da tripulação do Gama, que vai partir para o descobrimento do caminho marítimo da Índia, o pranto e o clamor das mães e esposas, sacrificadas ao espírito da aventura, são, segundo a ficção camoniana, dominados pela voz dum velho de aspecto venerando, com saber de experiências feito, que se ergue a condenar a expedição e o móbil moral que a inspira e promove".

Ulysses, depois do discurso, disse para um parlamentar do PMDB fluminense, que esperava que o presidente Sarney tirasse da sua citação camoniana, lições para um futuro de mais confiança no país. Como Sarney viajou para o Amazonas ontem, nenhum parlamentar a ele ligado pôde saber como ele recebeu o discurso de Ulysses e se achava mesmo retratado no papel de o Velho do Restelo.